

, mago!
desatenta-nos!

é,
circo, mago
cor e brilho
música, mago
toda a luxúria
de uma poesia
mera e silente

bela, carne
nada mais

e o que mais
, mago, mago?

mágica, mago
mágica!

XIII — A TEMPERANÇA

Luis Alberto F. Brandão Santos

dali só
se viu
a ponta
de uma pena

e: um ruflar

quando se
olha: as
asas já
ausentes

feminino fulgor
de um vôo

quando se
toca:
abraça-se
o ar

mas: o ruflar

presente-se
só

como a faísca
de um sorriso
que se apagou

ou o movimento
de um líquido
que de um vaso
já passou
a outro

e outros
temperos
anunciam sabores
que não são mais

ou não são mais
que lembranças
de etéreas
fragrâncias

não-estar
é o lugar
do salto

nem aqui
nem ali
nem aí
: puro trânsito

como o quase ouvir-se
de um anjo
o ruflar
das asas

VIII — O ERMITÃO

Luis Alberto F. Brandão Santos

o ancião
carrega
na mão
a lâmpada

o ancião não caminha
— são os espaços
e os tempos
que em seu corpo
convergem

seu manto nem se agita
— é o vento
que se deixa acariciar
pelos poros dos tecidos

carrega
a lâmpada
na mão
o ancião

seu bastão e seus passos
sequer gravam marcas na terra
— é a terra que floresce
em baixos-relevos
suas tangências